

AS DUAS FLORESTAS:

O BEM VIVER NA LITERATURA INDÍGENA À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL

Éder Rodrigues dos Santos¹

Josué da Costa Silva²

RESUMO

Este estudo propõe compreender, a partir da literatura produzida por autores indígenas, o processo relacional entre sociedades de pequena escala e o território, considerando que “a floresta é inteligente, ela tem um pensamento”, frase enunciada sob perspectiva ontológica pelo xamã, Davi Kopenawa Yanomami, publicada no livro intitulado *A Queda do Céu* (2015). Possivelmente, assim como outros autores, intelectuais e artistas indígenas, a escrita do líder Yanomami tem permitido uma abertura para a compreensão das conexões com as territorialidades no cotidiano indígena. Metodologicamente, o tema será abordado na dimensão da Geografia Cultural³, lançando mão da filosofia fenomenológica para compreender a percepção ambiental, o uso e apropriação do território pelos povos indígenas. Diante do exposto, procura-se responder a inquietação norteadora da pesquisa: como a emergência das visões de mundo na literatura indígena, na perspectiva vernacular do Bem Viver, permite o estudo geográfico da percepção ambiental? Neste sentido, o trabalho considera inicialmente que, para os povos indígenas, a natureza está cheia de espíritos, seres que são os *verdadeiros donos* da territorialidade ameríndia, geograficidades que, desta forma, constituem-se para além dos humanos: uma *extraterritorialidade*. Nossa hipótese é de que a relação imanente entre duas variáveis: cosmologia e percepção ambiental está demonstrada em obras autorais indígenas, pois há interesse nessa comunicação com o mundo dos não-indígenas a partir da literatura contemporânea.

¹ Doutorando (PPGG/UNIR) e mestre em Geografia (PPGEO/UFRR), jornalista, sociólogo, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (UNIR). E-mail: ederaudiovisual@hotmail.com.

² Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UNIR. Mestre e Doutor pela USP. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (UNIR). E-mail: jcosta@unir.br.

³ O estudo é parte do projeto de pesquisa em nível de doutoramento no âmbito do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Palavras-chave: Geografia Cultural; Indígenas; Yanomami; Fenomenologia; Perspectivismo.

RESUMEN

Este estudio se propone comprender, a partir de la literatura producida por autores indígenas, el proceso relacional entre las sociedades de pequeña escala y el territorio, considerando que “el bosque es inteligente, tiene un pensamiento”, frase enunciada desde una perspectiva ontológica por el chamán. , Davi Kopenawa Yanomami, publicado en el libro titulado La caída del cielo (2015). Posiblemente, al igual que otros autores, intelectuales y artistas indígenas, los escritos del líder yanomami hayan permitido una apertura para comprender las conexiones con las territorialidades en la vida cotidiana indígena. Metodológicamente, el tema será abordado en la dimensión de Geografía Cultural, utilizando la filosofía fenomenológica para comprender la percepción ambiental, el uso y apropiación del territorio por parte de los pueblos indígenas. Teniendo en cuenta lo anterior, buscamos responder a la preocupación rectora de la investigación: ¿cómo el surgimiento de cosmovisiones en la literatura indígena, desde la perspectiva vernácula del Buen Vivir, permite el estudio geográfico de la percepción ambiental? En este sentido, la obra considera inicialmente que, para los pueblos indígenas, la naturaleza está llena de espíritus, seres que son los verdaderos dueños de la territorialidad amerindia, geografías que, de esta manera, se constituyen más allá de los humanos: una extraterritorialidad. Nuestra hipótesis es que la relación inmanente entre dos variables: cosmología y percepción ambiental se demuestra en las obras de autor indígena, ya que existe interés en esta comunicación con el mundo no indígena a partir de la literatura contemporánea.

Palabras clave: Geografía Cultural; Indígena; Yanomami; Fenomenología; Perspectivismo.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca demonstrar que está em curso uma possível *geografia das epistemes espaciais indígenas* que tem, em sua gênese, a perspectiva dos povos autóctones com suas narrativas telúricas, ancestrais e hiperfísicas. Esta possível *virada ontológica* proveniente da perspectiva indígena amplia o debate sobre as noções de natureza (s) e humanidade (s) - no plural, além de denunciar o reducionismo do relativismo absoluto que tenta enquadrar o conhecimento ameríndio, denominando-os de os “outros”, como se fosse apenas uma mera alternativa romântica ao real. A pesquisa busca demonstrar, pelas regularidades presentes na literatura de autores indígenas estudados que, ao contrário, a perspectiva ameríndia pode contribuir com a noção de território, nos oferecendo outras visões de mundo alinhadas à *inteligência da floresta ou – florestas (no plural)*, sem a qual, para eles, torna-se turva a tentativa de conhecimento sobre seus territórios.

O estudo tem como método de abordagem a fenomenologia (HUSSERL, 2002; 2012). Como suporte teórico, considera as noções de Bem Viver (ACOSTA, 2016; KRENAK, 2020c) e faz uso instrumental do *perspectivismo ameríndio* (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, 2002, 2018), permitindo interpretar o texto literário e estabelecer possíveis conexões entre territorialidade e cosmologia. Enquanto método de procedimento, faz revisão bibliográfica de obras de autores indígenas adotados em disciplinas e debates no âmbito do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) para a compreensão das noções vernaculares de território (CLAVAL, 1999a, 1999b; 2002, 2011), como: Davi Kopenawa (2015); Ailton Krenak (2018; 2019; 2020a; 2020b; 2020c), Márcia Kambeba (2012; 2020a; 2020b), Julie Dorrico (2017) e João Paulo Barreto (2013; 2021) e, para efeitos de análise comparada, utiliza conceitos sobre a categoria *território* na geografia (HAESBAERT, 2012).

CONEXÕES: A TERRA-FLORESTA NA LITERATURA YANOMAMI

Os trabalhos literários indígenas analisados trazem reflexões sobre as conexões do ser humano com a natureza, construindo uma perspectiva geográfica a partir da cultura destes



povos e do Bem Viver milenar, fenômeno percebido em estudos recentes sobre povos indígenas (ACOSTA, 2016, KRENAK, 2020c). Observa-se nos textos selecionados que há uma preocupação das narrativas *cosmogônicas telúricas* com o aspecto do domínio concreto do território ancestral.

A visão xamânica Yanomami descrita da obra a *Queda do Céu* (2015), permite, por exemplo, a compreensão da coexistência de duas florestas. A **primeira**, figura no campo físico, vista por todos os humanos e não-humanos [os animais]. A **segunda** (tão ou mais importante que a primeira) somente é vista pelos xamãs e os Xapiri, uma vez que esta possui o espírito e a fecundidade da floresta. Para os autores indígenas, os lugares e elementos da paisagem (como vegetação, rios, montanhas, etc) tem importância ontológica, pois são espaços vividos, experienciados nessas duas dimensões (KAMBEBA, 2012; BARRETO 2013; 2021). A vida, a morte, o espaço e o tempo estão presentes na cultura relacional indígena, para além dos limites terrestres, portanto, tais espacialidades vividas têm o status de concretude, promotoras de equilíbrio e do Bem Viver.

Na visão de mundo dos Yanomami, os *Xapiri* que são os seres *extra-humanos* dialogam em um plano metafísico com os *sobre-humanos* que são os xamãs, humanos em estado alterados de consciência⁴. Estes, uma vez habilitados por um longo processo de treinamento e renúncias físicas e corporais, são convidados a *uma dança cósmica* sobre espelhos com os *Xapiri*. São os *Xapiri*, portanto, que colocam a vida Yanomami em movimento. É de lá que vem a ciência para a cura dos corpos – ou – do *corpo-território*, pois ambos são *um*, de acordo com sua cosmologia.

Neste encontro há uma comunicação decisiva. Os *Xapiri* permitem compreender o processo relacional e dialógico entre as duas florestas. Os não-humanos e o povo Yanomami, cuidam da saúde da *Urihi*⁵. Esta *geografia multinatural* diferencia-se conceitualmente da multicultural. É *extra-moderna*, configurada por meio desta vivência cósmica e temporal dos líderes xamãs. A *Urihi* é a carne e a pele da terra formada a partir da primeira queda do antigo céu, a *Hutukara*, que despencou em tempos ancestrais e que tornou-se em território físico para os Yanomami⁶. Já os *extra-humanos*, os demiurgos, estão no espaço metafísico, acessado

⁴ O ritual se dá ao consumir a *yãkoana*, enteógeno que é retirado da resina de árvores *Virola sp.*, que é cristalizada e pulverizada “O poder da *yãkoana* é forte e dura muito tempo. Existem várias *yãkoana*. Dentre elas, é o pó da *yãkoana haare* o mais poderoso”. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 136)

⁵ Os Yanomami criam o conceito de *Urihi*, a terra-floresta, central na manutenção da vida.

⁶ KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 357



pelos sobre-humanos, os xamãs, e habitam no peito do céu em *casas distribuídas e classificadas por espíritos Xapiri* que representam animais e fenômenos da natureza.

A compreensão epistêmica do olhar do xamã Yanomami na cultura indígena é o elemento *temporal* em constante *devir ontológico*, que tem na *cosmopolítica* com os seres visíveis e invisíveis, suas elaborações de mundo, do habitar enquanto reflexo da relação com a natureza e de variação de humanidade (s). A ideia de que existe apenas um *modelo de humanidade* dá lugar ao *ser em devir-outro*, no qual a humanidade na cosmovisão Yanomami, é integrante da *terra-floresta*, a *Urihi A*, percebida na vitalidade e resiliência da floresta e dos seres possíveis, pois, estas corporalidades convivem em relação dialógica com o espaço material, fenômeno gerador da perspectiva do *Bem Viver*.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E COSMOLOGIA

A terra indígena Yanomami localiza-se na floresta tropical úmida, revestida por cadeias de montanhas da fronteira entre o Brasil e Venezuela (FIGURA 01). A reserva foi homologada em 1992, possui uma área contínua de 9.419.108 hectares, cobrindo cerca de 192.000 km², permeando a fronteira, na região do interflúvio Orinoco – Amazona. De acordo com os números do Instituto Socioambiental (ISA) no ano de 2022, 26780 pessoas moram nesse território⁷.

Ali habitam indígenas Isolados da Serra da Estrutura, Isolados do Amajari, Isolados do Auaris/Fronteira, Isolados do Baixo Rio Cauaburis, Isolados *Parawa u*, Isolados Surucucu/Kataroa, Yanomami e Ye'kwana. As aldeias, de uma maneira geral, são compostas de uma maloca (*shabono*, na língua Yanomami), com famílias unidas por vínculo de parentesco que dividem esses espaços no interior da casa comunal, que tem um diâmetro de aproximadamente 20 metros, por dez de altura. Cada aldeia pode reunir de 30 a 150 indivíduos.

⁷ Terra Indígena Yanomami. Disponível em <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4016>. Acesso em 30 de setembro de 2022.



FIGURA 01 – Localização da Terra Indígena Yanomami



Fonte: Instituto Socioambiental, adaptação dos autores

As áreas em volta das aldeias são utilizadas para o cultivo da terra que, para além da subsistência, é resultado de produção coletiva, que promove a convivência e integração social. “As áreas mais antigas são percorridas com familiaridade alimentam a memória histórica e mitológica dos Yanomami” (EUSEBI, 1991, p. 84). Entretanto, na percepção ambiental dos Yanomami, a *Urihi A* não é um recurso utilitário que serviria apenas para exploração econômica. Em sua cosmologia, a *terra-floresta* é uma entidade viva, “inserida numa complexa dinâmica cosmológica de intercâmbios entre humanos e não-humanos”.⁸ O que seria mais uma *narrativa mítica* para os *napepë* (brancos) é, portanto, fonte de sabedoria para os xamãs, sua mãe-terra.

Na afirmação da corporalidade enquanto território ameríndio encontram-se os direitos epistêmicos e cósmicos, pois o homem faz parte da floresta - que é a *Urihi A*. “O que vocês chamam ‘natureza’ é, em nossa língua, *Urihi A*, a terra-floresta e sua imagem *utupë* vista

⁸ Yanomami. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>. Acesso em 30 de setembro de 2022.



pelos xamãs: *urihinari a*. É porque existem essas imagens que as árvores são vivas [...] é o espírito da floresta [...] (KOPENAWA, 2009, p.08). Na cultura Yanomami, mundo ou universo significa *Hutukara*. A *Urihi A*, portanto, é o cabelo da *Hutukara*. A “*Hutukara* é um corpo, um corpo que é unido, ela não pode ficar separada” (GOMES, KOPENAWA, 2015. p. 146). Para os Yanomami, *Hutukara* é também um grande homem, a grande pátria e um grande governo.

O xamã explica que o livro *Queda do Céu* (2015) é resultado de sua intenção em comunicar-se com o mundo dos *napepë*, os brancos, colocando as palavras dos Yanomami em peles de árvores mortas, uma vez que o não-indígena *gosta de livros* e tem dificuldade de ouvir, sonhar e sentir a terra⁹. A proposta de uma possível *transontologia espacial em devir*, é refletida no *Bem Viver* milenar com a convivência telúrica, ambiental e medicinal, alimentada pelo sonho xamânico. Nesse sentido, é importante destacar que o *Bem Viver*, segundo Acosta, é um processo de construção e reconstrução provenientes da filosofia dos povos indígenas que nos fazem refletir com estas posturas sociobiocêntricas em nosso mundo contemporâneo. “O Bem Viver é eminentemente subversivo” (ACOSTA, 2016, p. 82).

Para os xamãs, a terra está viva e é imanente ao ser indígena. A sabedoria ancestral dos *xapiri* provenientes de outras espacialidades é fenômeno acessado por meio de longos anos de prática do xamanismo. “O espelho de dança deles está instalado na minha casa de espíritos e sempre respondo a seus cantos enquanto bebo o pó de *yãkoana*” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 230). A cosmopolítica Yanomami permite ao líder xamã em *devir*, vivido em mundos diferentes - o físico e o hiperfísico, desenvolver sua sobre-humanidade, em contato com a extra-humanidade do *xapiri*, seres criados pelo demiurgo *Omama*, central para a compreensão da cultura e geograficidade Yanomami.

Os *xapiri* dos xamãs vivem no *Maxitapraopë thëri*, o lugar cosmológico deles (GOMES, KOPENAWA, 2015). Kopenawa infere que as danças cósmicas transfronteiriças dos *xapiri* equilibram a vida e evitam a queda do céu, pois estes localizam-se no peito e nas costas do céu, em montanhas e outras espacialidades que permitem aos *xapiri* e os xamãs segurarem o céu, atualmente ameaçado pela *xawara*, a epidemia-fumaça proveniente do metal extraído pelo garimpo ilegal (ALBERT, 2002).

⁹ Pronunciamento de Davi Kopenawa na noite de 23 de setembro de 2022, na Universidade Federal de Roraima (UFRR), durante o recebimento do título *Honoris Causa* pela mesma universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de bibliografia e das narrativas das indígenas de várias partes do Brasil, sobretudo, na Amazônia, é possível observar os complexos conceitos vernaculares¹⁰ sobre a espacialidade e a vida destes povos com suas implicações no que denomina-se de *território* pela Geografia. O território, enquanto categoria discutida em suas múltiplas escalas pela ciência geográfica, é observada no mundo ocidental em suas dimensões econômicas, políticas e culturais.

O sentido de extraterritorialidade para a geografia [pós] moderna está ligado às redes comerciais econômicas em suas escalas multiterritoriais. Para os escritores e líderes indígenas tem outro sentido. Existe sim, uma *extraterritorialidade*, entretanto, ela está ligada a existência do próprio ser. Nesta extraterritorialidade, construída pelo movimento no espaço-tempo, são os seres extra-humanos que estão em comunicação constante com os xamãs.

Percebe-se nas obras, portanto, outras concepções de espaço-tempo em que se constroem estas territorialidades. Com isso, forma-se uma rede de saberes que se conecta a partir da luta por direitos, sobretudo, o direito ao território, porém, com conceitualizações próprias dos indígenas. Neste universo literário, cosmogônico e cosmográfico dos povos Yanomami, Krenak ou Tukano, dentre outros, há um enfrentamento aos modelos ocidentais totalizantes, que se manifesta em uma proposta de biointegração com a natureza (para além da ideia de território vinculado ao utilitarismo do poder, ao consumo ou ao simbólico) cuja base será a cosmologia.

O *Bem Viver* presente na cultura indígena permite trazer para o debate contemporâneo a sabedoria ancestral, fonte de inspiração para pensar novos mundos. O indígena é a própria espacialidade em movimento, pois tem nela, sua humanidade *geografizada e transcendente*. Lançamos um olhar, neste trabalho, focado da literatura Yanomami para, de forma pedagógica, ilustrar que a cosmologia ameríndia pode ser muito mais que um alerta para o mundo contemporâneo no sentido de preservar a floresta, mas de repensar padrões de consumo. O que percebe-se é um processo filosófico autóctone e emancipador.

¹⁰ CLAVAL, 1999a, 1999b; 2002, 2011.

A percepção Yanomami sobre o mundo demonstra que, a existência exige tempo, pelo qual se concebe o onírico e a imagem idílica, elementos estruturantes da cosmopolítica ancestral, sendo esta, colaborativa e biointerativa. O xamã *descreve a vida*. Pratica assim, possivelmente, *sua* geografia e com ela proporciona uma possibilidade de compreensão do Bem Viver ameríndio, pois o estatuto de seu modo de vida, segue a ordem do respeito a vida material em harmonia com humanidades diversas possíveis pelo sonho xamânico. O ser Yanomami em *devir* xamânico habita a *Urihi A* e realiza sua sublime dança cósmica pelos cabelos da Hutukara.

Pela literatura dada, reúne-se algumas *perspectivas indígenas* na elaboração de uma possível filosofia de seus espaços vividos, trazendo para a Geografia Cultural. O Bem Viver ameríndio é um importante campo de pesquisa para que a humanidade perceba que existem outros modelos de sociedade que pensam sua existência para além da metabolização da natureza em mercadoria. O planeta *tem vida* e, para eles, coexistem diversas *humanidades* em espacialidades hiperfísicas, decisivas nesse processo de biointeração.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo, Editora: Autonomia Literária, 2016.

BARRETO, João Paulo Lima, **Wai-Mahsã**: peixes e humanos: Um ensaio de Antropologia Indígena. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFAM, 2013.

_____. **Kumuã na kahtiroti-ukuse**: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. Tese de doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social UFAM, 2021.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999a.

_____. **Etnogeografias – conclusão**. Revista Espaço e Cultura. UERJ. nº 07. 1999b.

_____. “A Volta do Cultural” na Geografia. *In: Mercator: Revista de Geografia da UFC*, ano 01, n. 01, 2002.

_____. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.



DORRIGO, Julie. **Literatura Indígena e seus Intelectuais no Brasil:** da autoafirmação e da autoexpressão como minoria à resistência e à luta político-culturais. Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas Vol.11. Nº 3, 2017.

HAESBAERT, **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HUSSERL. E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia.** 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. **A ideia da fenomenologia.** Lisboa/Portugal: Edições 70, 2012.

KAMBEBA, Márcia. **Saberes da Floresta.** São Paulo: Jandaíra, 2020a.

_____. **O lugar do Saber.** São Leopoldo. Casa Leiria. 2020b.

_____. **Reterritorialização e Identidade do Povo Omágua-Kambeba na Aldeia Tururucari-Uka.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFAM, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ecologia política.** Revista Ethnoscientia. V. 3 (n.2 especial). Núcleo de Cultura Indígena-NCI, Coordenação de Afirmação Cultural e Povos Indígenas, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2018.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras. 2020a.

_____. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras. 2020b.

_____. **Caminhos para a cultura do Bem Viver.** Organização: Bruno Maia. Escola Parque do Rio de Janeiro. 2020c.

KOPENAWA; Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã Yanomami. São Paulo – SP: Companhia da Letras, 2015.

SUESS, R. C.; LEITE, Cristina M. C. **Geografia e Fenomenologia:** uma discussão de teoria e método. Revista Acta Geográfica, vol. 11, n. 27, págs. 149-171. 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio.** Mana, 2(2):115-144. 1996.

_____. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: **A inconstância da alma selvagem:** e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002a.



XV
ENAN
PEGE

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

Metafísicas canibais. Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: UBU Editora, N - 1 Edições, 2018.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG/UNIR) e ao GepCultura – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vida e Culturas Amazônicas (UNIR).